

TURBULÊNCIAS

JANKEL ROTTENBERG

1992

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike License.

To view a copy of this license, visit

<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/1.0/> or send a letter to Creative Commons, 559 Nathan Abbott Way, Stanford, California 94305, USA.

Este é o início

O mar ergue-se revoltado e molha meus pés
Encontro portas na areia
e abro-as
A nave-crisálida partiu
Não houve tempo para mim
O som do vento nos meus cabelos
O verão
A estação do retorno

Entro tristemente
no castelo dos teus sonhos
Diga-me que sou o único
Que você é minha garota
Talvez eu ainda consiga escutar...

Ouço o som do mundo
Não estou sozinho
A serpente enrosca-se
em minhas pernas
O branco sob a pele
Não se mova!
Os lagartos são os reis
Não se mova!

Esperar até que a dor passe
Esperar até que venham os outros
Mas o sacrifício deve começar
O rei não mais pode aguardar

II

Olhos sangrando
Lanças quentes
Corações, corações
Quem pode segurar a mão dos deuses?
Quem sustenta meus sonhos?
Como sufocar uma dor tão violenta?

O rei ama o sangue
e bebe-o toda manhã
em taças douradas,
brilhantes

Olhos de lobo esperam
O manto da noite cobre o vale
A lua, esquecendo de brilhar,
fecha seu olho de luz

A cerimônia da morte

O castelo em trevas

E os lobos dilaceram meus restos mortais

Do céu, a loucura
Derroto impérios de sentidos
e escapo para o centro
do círculo perfeito
A inexistência do falso

Grito para o tempo
Trovões e relâmpagos
sacodem a terra
A chuva é longa como teus cabelos

O pântano
A criação do inferno de águas
O isolamento

Entrar na perfeição

Feche os olhos
O mergulho de morte ou vida
A confiança no vácuo

Atingir a loucura
e emperrar os sentidos
no instante eterno

Só o encontro
no imenso palco da vida
onde todos vestem pálidas máscaras

Desejo
Lúgubre desejo de morrer
Gritar
com os dedos na garganta

Tirar do silêncio
os gemidos e sussurros
As mordidas e o sexo

A agonia de estarmos mortos
Embora murmurando para o vento
que atravessa as muralhas de pedra
palavras vazias de amor

O castelo.
Meios de escapar.
Eles esperam-na para torturar seu corpo,
sua mente e sua alma
Retirar a seiva sólida do sonhos
Os dez mil sonhos que você tem nas mãos

Posso dormir mas não correr
As árvores estão vivas
O medo não passa de um grito à meia-noite
O uivo do lobo

Poucos meios de escapar
Aglhas não resolveriam?
Acaso o lobo urbano bateu em nossa porta?
Seus lábios trêmulos, boca ácida
Sangue, sangue, dor

Ouçã os gritos
Melhor fechar os olhos
Mas não há meios de escapar
de mim.

Interessa-me saber até onde vai a vida
Porque os portões do céu são fechados
à meia-noite
Então, só resta o demônio a chamar as almas
e a morte entrando na cidade em forma de peste
matando os que têm e os que não têm alma

É na meia-noite que os fantasmas surgem
Os medos e o horror tornam-se visíveis e palpáveis
É a hora dos pesadelos viverem com almas penadas
(e quem disse que não vivemos num pesadelo e,
somente quando dormimos, tocamos a realidade?)
Esta é a vez dos vivos sugarem os mortos
arrancando-lhes os olhos e vísceras; bebendo sangue

A peste virulenta ergue-se dos becos fétidos
e inunda o ar róseo dos aristocratas
A morte é a irmã imparcial dos homens
Trata a vida com mórbida impassibilidade
matando-a pouco a pouco
Câncer

Interessa-me saber até onde se pode viver
porque o homem não tem muita força, nem resistência
e não suporta o horror de estar morto por muito tempo
Pois a morte é silêncio profundo, pacífico, e o homem,
vida morta, ação de reflexos inconscientes.

Num instante, as trevas
Lúcifer sonhou com as trevas.
O anjo mais bonito dos céus
Que sempre trouxe alegria quando
tocava, na lira, músicas divinas
Lúcifer andou e pensou
Por que o oculto o encantou?
A não-luz, o conhecimento negado
Ele precisou saber, quis conhecer
A dúvida tomou conta de sua mente
Então desceu dos céus ao espaço fechado
Atravessou os portais do paraíso
e conheceu o Tudo!
Lúcifer admirou o que lá havia
e soube amá-lo
Quis, então, voltar aos céus e
contar aos outros os mistérios
mas suas asas estavam manchadas de conhecimento
e os guardiões dos portais
não o deixaram passar
Lúcifer vagou pelo oculto
por muito tempo, mas sempre voltava
aos portais tentando, inutilmente, entrar
Suas asas cada vez mais escuras
A escuridão, por fim, tomou conta de Lúcifer
e, num acesso de raiva eterna,
praguejou contra o paraíso e jurou
vingança pelo seu exílio
Os portais foram fechados para sempre
Lúcifer, então, forjou criaturas para sua solidão
e fundou um reino onde a liberdade era total
Estava criado o Inferno!

Olhou-me impacientemente o gato
Assim como você, estava preso e queria ajuda
Ajudei-o?
Sim, claro! Deixei-o apodrecer por entre
os fios de treva que escapavam da cela

Muitas vezes, as luzes me assustam
Tenho medo do brilho das estrelas

Vejo seres disformes à minha volta
Bolas coloridas piscando, piscando
O tempo é nulo
O espaço é nulo

Sonho com terríveis dores de cabeça
e encontro-me, matinalmente, com o unicórnio
O sacrifício

Pedras frias cobrem o túmulo do sexo
Entre aço fundido e computadores, resgato
uma sombra humana
uma mulher do espaço
Mãe virgem das estrelas

Eu grito
grito como um louco
mas o coração aperta muito
o peito
sufoco a raiva
e espero outra oportunidade

Preciso cantar versos
mas, às vezes, emudeço
porque não quero gemer
ou pedir ou gritar

Ando em nuvens
sobre as chaminés
das casas de inverno
beber um gole de veneno azul
o grito

O grito é sufocado
a música permanece
mas não a ouço
só há meu grito
dentro de mim

Chutar a raiva para cima
gritar
tomar um drinque
e vomitar e não saber o que fazer

A dor que me ataca-
esta mudez em alto grau-
fortemente me põe ao chão
Deixo o sorriso,
o silêncio e o guarda-roupa arrumados
Estou
esperando pelo pior
chorando no chão da cozinha
água no chão da cozinha
misturando água e lágrima

dança
dança
seus olhos em frente
a frente no espelho
e matar a dança

Parar a dança
parar
parar a música
O silêncio
e o copo quebrado
a alma
alma quebrada
sem dança, música, cor, ruídos, lembranças,
sorrisos...
sem alma
Chorando
esperando a chuva
misturo água e música

Escapo no tempo
fujo da tua face
estou louco, estou louco
mas te amo

percorro na luz
o sonho de mil sóis
os miosótis fecham-se
à minha passagem
Quero andar ao teu lado
pelo reino das brumas
bebendo mistérios e segredos
da fonte pura de
nossos corações
brancos
Onde estão as tristes aves
que percorrem meu destino,
fria e eternamente?
Dourado sol do amor
que inspira seu próprio som
e o som do mundo
o ritmo frenético do mundo
a dança-silêncio do amor
Torres e prisões
já posso voltar no tempo
memórias
de nossas vidas passadas
e você sempre esteve lá

Porque não agora?

A coluna vertebral
No centro do mundo
Às vezes, desfigurada
Às vezes, desiludida
A minha coluna vertebral

Vejo montanhas
(como um visionário)
ao longe e, perto,
aqui, vejo um lago
no qual vou mergulhar

Mas, no meio do salto,
percebo que é apenas
lama.

Falar. Antes que as palavras,
estranhas, percam-se em minha

língua na tua boca. Beija-me.

Tu és tão fraco
quanto eu
mas sou eu que persisto no tempo

Posso te machucar
se tu quiseres
se não quiseres

Acordo com sorrisos no rosto
e pêlos na cama

Derroto o dragão do terror
te beijo
beija-me
porque o desejo é grande
mas não me peça
que te ame

sou um homem de mil homens
e aí está toda a verdade

Deixe-me ir para o sol antes que caia a noite
e meu desejo tome conta de mim

Conheço os segredos do dragão
e a língua (tua língua)
da serpente
No entanto, jamais deixei-me levar
pelos dotes proféticos que possuo
Deixe-me falar de sonhos o quanto quiser!
Não me impeça de morar no céu!
Mas não me deixe ficar longe muito tempo,
muito tempo longe de você

abertas. as visões abertas e escuras domam-me
e levam-me para o teu paraíso
dormir é domesticar a medusa, olhando
fixo nos olhos da bruxa.
da bela feiticeira.
o duende. mágica que me faz adormecer
sonhos e torturas a teu lado
e revisito as torres gradeadas onde
prendeste teus sonhos

entro. fecho a porta. olho ao redor.
os teus segredos...

Quando dormir
A deusa-tempestade (adeus à tempestade)
construirá um rio de sonhos e profecias
construirá milagres

Construí um cavalo de ébano para você
Cavalga-o.
Através das sombras,
consegue distinguir
entre meu canto e o dos pássaros?

suas mãos-belas-entre os olhos

Mármore
A única verdade você não ouve

Toque-me e beije-me
sou a serpente
caleidoscópica
A serpente dos sonhos
e do amor

Ele - o reino - rei
universo. Extirpando as feridas do ódio
e, dentre a fumaça,
distinguir a faca
Mentir até que o sexo proíba
catarsizar o sexo
e ver as prostitutas
descendo a ladeira do medo
até que o dragão quebre
o sexo
Andar nas muralhas
como no fio da faca
Atirando no alvo certo
para a revelação
Tomar banho (sexo)
Tirar a roupa (sexo)
e fazer sexo
Porque as prostitutas
beijam meus dedos
e sentem o anel do deus
eu sou o deus
e o dragão
a serpente colorida que se enrosca no pescoço
e enforca!

O som se propaga através
do vidro colorido
dos teus olhos castanhos

Dentro da sala,
espero
o chamado selvagem
e escondo minhas mãos
no meu sexo
Costas arranhadas por
teus dedos mágicos
A serpente chinesa
nas festas dos mortos

Estantes de livros velhos
mal usados
são queimados na fogueira
diante da cruz

o braço estendido
mão espalmada
louvando o fogo
Sol

A cruz irá chorar -
dizem os profetas -
mas antes
muito sangue jorrará
pelo ódio aos livros
pelo amor aos livros

Colocar um prego na mão espalmada
para torná-lo deus

Cérebros flutuantes
dentro da sala
muitos amam; muitos adoram
Poucos sentem

Cérebros flutuantes
no meio do mundo
afetam minha vida
alteram meus sonhos

São várias idéias
que, entre si, divergem
muitos amam; poucos sentem
dentro dos cérebros flutuantes

A rotina estraçalha
a alma humana

sinto-me prisioneiro
da morte

Matar as borboletas

a bala fará círculos
intermináveis na minha
cabeça

a maldita rotina
a maldita alma
humana

JANKEL ROTTENBERG é pseudônimo de Christian Linhares Peixoto